

11 DE JUNHO



## Clube Naval comemora a **DATA MAGNA DA MARINHA E O SEU 138º ANIVERSÁRIO**

No dia 11 de junho, às 20h, como é tradição no Clube Naval, teve início, no Salão Nobre da Sede Social, a Sessão Magna comemorativa da Batalha Naval do Riachuelo, Data Magna da Marinha, e do 138º aniversário do Clube Naval.

A fim de garantir o distanciamento em virtude da pandemia que ainda não acabou, a Diretoria optou por uma celebração com poucos convidados e, em memória aos Sócios vítimas da COVID-19 e de outras enfermidades, um minuto de silêncio foi realizado pelos presentes.

Durante a cerimônia, foram entregues os Prêmios "Marquês de Tamandaré 2022" e "Almirante Jaceguay 2022" ao Capitão de Mar e Guerra (Refº) Francisco Eduardo Alves de Almeida, vencedor dos dois concursos.

Foi orador o Capitão de Fragata (IM) Marcello José Gomes Loureiro, cuja alocução encontra-se publicada a seguir, juntamente com as palavras do Presidente do Clube Naval, Almirante de Esquadra (Refº) Luiz Fernando Palmer Fonseca, e do Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos.

A Sessão Solene foi transmitida ao vivo e está disponível no canal do Clube Naval no YouTube.



Assista aqui à  
Sessão Magna  
completa



A Mesa da Sessão Magna, presidida pelo Alte Esq (Ref°) Luiz Fernando Palmer Fonseca, foi composta pelo Comandante da Marinha, Alte Esq Almir Garnier Santos; pelo ex-Ministro da Marinha, Alte Esq (Ref°) Alfredo Karam; pelos ex-Comandantes da Marinha Alte Esq (Ref°) Julio Soares de Moura Neto, Alte Esq (RMI) Eduardo Bacellar Leal Ferreira e Alte Esq (RMI) Ilques Barbosa Junior; e pelo General de Divisão Eduardo José Barbosa, Presidente do Clube Militar.



Entrega dos prêmios ao CMG (Ref°) Francisco Eduardo Alves de Almeida, vencedor dos concursos "Almirante Jaceguay 2022" e "Marquês de Tamandaré 2022"



Alocução proferida pelo CF (IM) Marcello José Gomes Loureiro (1)

## "DEBAIXO DO MAIS VIVO FOGO": O TRIUNFO EM RIACHUELO, A GUERRA E A CIVILIZAÇÃO

Grças a uma carta pessoal datada de 22 de junho de 1865, escrita pelo Barão de Teffé ao seu irmão, podemos saber que – finda a Batalha Naval do Riachuelo – o Barão subiu a bordo do navio "Marquês de Olinda", aprisionado pelos paraguaios em novembro de 1864, para averiguar a possibilidade de reincorporá-lo à Força Naval Brasileira. Enquanto a bandeira paraguaia era arriada e substituída pela imperial, o Barão observou:

o terror estampado nas fisionomias duras desses mestiços guaranis, e por um desses rasgos de generosidade brasileira, tranquilizei-os com as seguintes palavras: vocês podem estar tranquilos e seguros; os brasileiros não fuzilam nem degolam seus prisioneiros. Vão a buscar suas roupas e tudo quanto lhes pertence! (2)



Ao ingressar na câmara do navio, Teffé deparou-se com o Comandante paraguaio Ezequiel Robles, que estava:

deitado sobre o tapete, com mangas de camisa e esta empatada em sangue [...]. Puxei um tamborete e sentando-me junto dele falei-lhe em tom brando, pedindo-lhe que tomasse uma posição menos incômoda, e auxiliiei-o mesmo a deitar como [primeiramente] estava. Antes de interrogá-lo, indaguei primeiro quais os seus ferimentos e se sofria muito. Ele, de sobre olhos carregados e desviando de mim a vista, respondeu-me com voz abafada: Não é nada... Estou ferido sim, porém não sofro. Não é nada! Entretanto tinha o braço esquerdo partido no terço superior e o peito atravessado por uma bala de fuzil que penetrara entre duas costelas e saíra nas costas furando a farda [...]. Com muita cortesia, avisei ao Robles que ia conduzi-lo para o meu navio [a canhoneira *Araguari*]. Ele não me respondeu, e quando atracou o escaler, deixou que o suspendessem sem dar um gemido até deitá-lo.<sup>(3)</sup>

Na canhoneira "Araguari" (comandada por Teffé), e depois na "Amazonas", Robles recebeu cuidados médicos, sendo inclusive submetido a uma cirurgia de amputação. No dia 14, faleceu.

Quanto aos prisioneiros, "desde o dia 12 que são municiados como as nossas praças e [...] não se lhes faz sentir em absoluto qualquer tratamento hostil [...] esses paraguaios são tratados em meu navio como se brasileiros fossem".<sup>(4)</sup>

Nesses termos, o Barão sublinhava o modo civilizado de os brasileiros executarem a guerra. Respeitavam a vida de seus prisioneiros e, com clemência, concediam-lhes dignidade, apesar da derrota. É a partir dessa *petite histoire* que desenvolvo o pressuposto condicionante que estrutura esta alocução. Contornei a tentação de oferecer uma narrativa diacrônica dos eventos – já por demais conhecida – e elegi ingressar na esfera das mentalidades que conformavam a ação daqueles brasileiros, protagonistas do confronto. Afasto-me, assim, do *res gesta*, do momento propriamente da batalha, para me ocupar mormente do *rerum gestarum*, ou seja, das tintas, discussões sobre o ocorrido e atribuição de sentidos epistemológicos que aportam magnitude ao evento.<sup>(5)</sup> Privilegiei desvelar a circulação de ideias e de padrões culturais para investigar as antinomias civilização e barbárie

no relato da batalha produzido por Teffé e, de forma mais alargada, em outras representações produzidas no contexto da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Em síntese, a perspectiva analítica que ora ofereço – eucrônica aos acontecimentos – é a de que aquilo que se disputava em Riachuelo era muito mais do que a própria guerra. Para além de um triunfo técnico e militar, inegavelmente importante, protegia-se em Riachuelo um conjunto de valores que edificava as escolhas em torno da construção da identidade nacional brasileira, bem como os sentimentos de pertença, parametrizados e assentados, desde a Independência, em 1822, na categoria de civilização.<sup>(6)</sup>

Em grande medida, nos assuntos militares, a ideia de civilização confundia-se com o que *von Clausewitz* denominou de "guerra verdadeira". Ao contrário do que o general prussiano delineou como a "guerra real", marcada por ações não coordenadas, ausência de comando e de hierarquia, saques e estupros, a guerra verdadeira era aquela em que prevalecia a ordem e a disciplina, a busca pelo nomotético, e a preparação estratégica, racional e científica das ações.<sup>(7)</sup> Em uma linguagem aristotélico-tomista, se a causa eficiente da guerra verdadeira era a ciência e o patriotismo, a causa final era a própria paz.<sup>(8)</sup>

Essa era a concepção geral da guerra que se esperava das "nações civilizadas". E foi exatamente isso o que defendeu o Visconde de Taunay, ao escrever, em francês, língua maior da civilização no século 19, a dedicatória ao Imperador D. Pedro II em *A Retirada de Laguna*, que eu passo a citar, em livre tradução:

Senhor,  
Vossa Majestade inaugurou na América do Sul, com a retomada de Uruguaiana, a guerra humanitária. Aquela que poupa e salva os prisioneiros, aquela que cuida dos feridos inimigos como se fossem nacionais. Aquela que, considerando a efusão do sangue humano como uma necessidade deplorável, não impõe aos povos mais do que os sacrifícios indispensáveis para o sólido estabelecimento da paz.<sup>(9)</sup>

Todas essas características que condicionam a categoria civilização perpassam os relatos da Batalha Naval do Riachuelo. Por exemplo, sobre o patriotismo, Teffé assevera ao irmão que "preciso encontrar uma alma aberta ao entusiasmo patriótico e que partilhe comigo das emoções por que passei e das alegrias que me dominam

neste momento”.<sup>(10)</sup> Na mesma senda, ao se referir à “disposição de espírito” da canhoneira, ressalta que “a bandeira é um culto e o patriotismo o mais sagrado dos seus sentimentos”.<sup>(11)</sup>

Ademais, não deve haver dúvida de que os brasileiros se alinhavaram às balizas de uma guerra científica. Afinal, ao longo da subida do Paraná, houve adestramentos diversos: “a demorada viagem da nossa esquadra tivera a vantagem de familiarizar-nos com as evoluções em rio e dar-nos o ensejo de bem exercitar nossas tripulações”.<sup>(12)</sup> Nem sequer os desafios da vida de bordo, nem tampouco as limitações quanto à comida, a uma “água impossível”, e ao martírio constante imputado pelos mosquitos, desmotivavam as tripulações. Teffé afiança que nada lhe era mais agradável do que “a diversão que me proporcionavam os múltiplos exercícios cotidianos de combates simulados figurando todas as hipóteses, inclusive a abordagem e o incêndio”.<sup>(13)</sup> Durante o confronto, “os tambores ru-favam, os clarins soavam clangorosos em toda a esquadra e os apitos trilavam chamando cada um para seu lugar de combate”, evidência de que havia mesmo um plano geral de organização.<sup>(14)</sup>

Mesmo após a Batalha, a ciência permaneceu à disposição dos vitoriosos: em 21 de junho, Teffé ofereceu uma carta náutica a Barroso, para não “renegar o ofício de hidrógrafo”.<sup>(15)</sup> Nela, descreveu detalhadamente as margens do Paraná e sua vegetação.

Em suma, dessa “guerra verdadeira”, não poderia resultar senão o entusiasmo e a lealdade aos comandantes: “confio nos meus homens como eles confiam em mim; em dois anos de

comando, fiz um amigo em cada um de meus comandados”, consignou Teffé.<sup>(16)</sup>

Se esses eram os valores que podiam ser encontrados a bordo dos navios brasileiros, a realidade paraguaia era bem diversa. No episódio do “Marquês de Olinda”, anteriormente referido, Teffé, ao ver tanto sangue adversário no convés principal, questionou ao comissário paraguaio, em castelhano: “E onde estão os mortos?” Ao que o comissário respondeu: “Lançados ao rio”.<sup>(17)</sup> Dos 200 homens estimados na tripulação, havia ali somente 55 pessoas. Estranhou, em seguida, a ausência de feridos e teve de perguntar se tinham caído na água ou se houveram mesmo sido atirados pelos próprios paraguaios. “Horrível, não achas?”, de modo retórico, questionou, na carta, ao seu irmão.<sup>(18)</sup> Segundo sua descrição, o ambiente no “Olinda” era tão bárbaro que havia um brasileiro, prisioneiro dos paraguaios. Contudo, “este pobre patrício era o mais sujo dos prisioneiros, e sem dúvida pelo que sofrera nesse duro cativeiro, ficara embrutecido, idiota, pois mal respondia ao que se lhe perguntava e parecia indiferente a tudo quanto se passava em volta dele”.<sup>(19)</sup> Ao reverso, do lado brasileiro, ninguém descuro de acomodar “os corpos desses heróis [da Parnaíba]” e “inamá-los na margem do Chaco”.<sup>(20)</sup>

Outro comportamento paraguaio que causava imensa estranheza eram seus gritos. Em plena Batalha, o Barão de Teffé assegura que:

vi-me durante cerca de duas horas metido nas profundas do inferno, tal o fogo e o horroroso troar dos canhões, acompa-



nhado do berreiro dos paraguaios que se batiam debaixo dos gritos e alaridos como que para se encorajarem mutuamente ou para amedrontar-nos. Nunca vi coisa assim! <sup>(21)</sup>

A gritaria propalada pelos paraguaios devia assemelhá-los a uma forma patética. No século 19, o *pathos*, origem etimológica daquilo que é patético, figurava como um conceito que conotava barbárie. Quem nos explica é Charles Darwin: "os selvagens derramam lágrimas abundantes por razões extremamente fúteis". Darwin arremata afirmando que "um inglês nunca chora, a não ser sob a pressão da mais pungente dor moral". <sup>(22)</sup> Na mesma direção, em carta escrita em 1853 à sua mãe, o escritor francês Charles Baudelaire irá se dizer "acostumado de tal modo a sofrimentos físicos [...] que sinto apenas os sofrimentos morais". <sup>(23)</sup> Se buscarmos as origens da palavra grega *pathos* na filosofia, encontraremos o termo vinculado à ideia de passividade, explicitando-se a diferença entre ser autor de um ato efetivo, como aquele que toma a história pela mão, ou, ao contrário, sofrer ação de outrem, ou ainda "submeter-se a uma paixão". <sup>(24)</sup> Aqueles que manifestam seu *pathos* são, de certa maneira, aqueles que também sucumbem às paixões, aos excessos, às catástrofes e aos sofrimentos. Esse não era o comportamento dos brasileiros e nem de alguns comandantes paraguaios, a exemplo de Robles que, a despeito de estar muito ferido, conservou-se incólume.

É imperioso salientar que tudo isso se desenrolava em um teatro natural plenamente hostil, propício ao sublimar. Na filosofia kantiana, a ideia de sublime pode ser compreendida como um desacordo entre o juízo e a forma em questão, causando forte impressão no homem, levando-o, portanto, à comoção. <sup>(25)</sup> Como escreveu em seu diário o Conde d'Eu, terrenos alagados – como o Chaco paraguaio – exigiam subjugar um "horrendo pântano coberto de grossos matos", o que, segundo essa lógica, certamente elevava a força nos homens, conduzindo-os ao sublime. <sup>(26)</sup>

A iconografia da época também buscou, a seu modo, representar essas questões. Victor Meirelles, ao pintar a imagem mais monumental e emblemática da Batalha, representou paraguaios completamente desordenados, no canto inferior direito (imagem 1). Um deles, com perfídia, covardemente atira em um militar





brasileiro, enquanto um senhor de idade, aparentando um soldado não profissional, corre desbaratado. Barroso, ao contrário, com “ar sobranceiro no ambiente da morte”, triunfa impassível a uma chuva de projéteis no convés da Amazonas. <sup>(27)</sup>

O mesmo Victor Meirelles entendeu que a civilização brasileira teve início com a primeira Missa, ainda em 1500 (imagem 2). Ao redor da cruz, que passa a orientar uma paisagem selvagem, dispôs dezenas de indígenas que assistem passivamente aos atos do frei Henrique Soares de Coimbra.

Em alguma medida, similar é a pintura *Abordagem dos paraguaios ao Monitor Alagoas*, do mesmo pintor (imagem 3).

Todavia, em vez da cruz, que antes disciplinava os indígenas, agora temos o monitor que domestica os inimigos a eles assemelhados.

Na imagética, faz-se mister evidenciar ainda a obra de Edoardo De Martino, pintor italiano que testemunhou combates e esteve no Brasil durante a Guerra e recebeu muitas encomendas da Armada Imperial. <sup>(28)</sup> Na

representação (*a posteriori*) que fez da *Chegada da Fragata Constituição trazendo D. Teresa Cristina*, esposa do Imperador, De Martino retrata uma Marinha que não deve nada aos cânones presentes nas forças navais europeias: navios embandeirados, salvos e poderosas embarcações a pano imprimem todo dinamismo e atributos de civilização à cena (imagem 4).

No quadro intitulado *Abordagem que os paraguaios fazem aos Encouraçados Cabral e Lima Barros*, os inimigos emergem daquela paisagem dramática, confundindo-se com ela (imagem 5). Um deles é mais saliente graças ao luar. Seria um caso de zoomorfismo, recurso

típico nas caricaturas da época?

Por fim, noutro trabalho, em que representa a destruição de um acampamento inimigo, De Martino parece bem sintetizar diversas das considerações elencadas acima, já que de modo eficiente reúne uma paisagem hostil, o sublime da morte causada pela guerra, o elemento religioso, e a tensão entre as noções de bárbaro ou patético e de civilizado (imagem 6).

O artista imprime à cena um ritmo lento e grave, que não se deixa levar pela violência presente, embora seja resultado da pretérita. De um lado, vê-se o fogo nas barracas do acampa-

1. Victor Meirelles. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Acervo do Museu Histórico Nacional.
2. Victor Meirelles. *A Primeira Missa no Brasil*. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes.
3. Victor Meirelles. *Abordagem dos paraguaios ao Monitor Alagoas*. Acervo do Museu Victor Meirelles.
4. Edoardo De Martino. *Chegada da Fragata Constituição trazendo D. Teresa Cristina*. Acervo do Museu Histórico Nacional.
5. Edoardo De Martino. *Abordagem que os paraguaios fazem aos Encouraçados Cabral e Lima Barros*. Acervo do Museu Histórico Nacional.
6. Edoardo De Martino. *Acampamento no Chaco*. Acervo do Museu Histórico Nacional.

mento, que queima e destrói, mas que também é capaz de purificar, como na catarse grega. Em um cenário de ambivalência, ao centro, portado por um frade capuchinho, há um archote, cuja luz pode guiar um caminho, seja na escuridão das matas do Chaco, seja no ideal da elevação da alma pela fé. A iluminação da cena, entretanto, é dada pela lua entre nuvens que, refletida na água, aproxima os planos divino e terreno, descortinando o enredo.

O jornal *O Diário do Rio de Janeiro* salientava a “religião e melancolia” presentes na tela. A religião se identificava nos frades, que agora substituem cruces ou sinos: a eles, os feridos estendem os braços, “famintos [...] desfalecem e mortos ficam estendidos na planície”. Um dos frades “lê a última oração do breviário”.<sup>(29)</sup>

No canto inferior esquerdo, em sinal de redefinição, estendendo a mão direita na direção dos capuchinhos, um paraguaio suplica a extrema unção, sugerindo ter se submetido à cultura dos vencedores. Assim, para além de demonstrar a misericórdia ou a religiosidade dos brasileiros, a presença dos religiosos se tornava essencial para asseverar sua civilidade e sua superioridade em relação aos bárbaros paraguaios, como foram descritos naquela época.

A Batalha Naval do Riachuelo foi o palco onde houve a profusão de algumas das características escolhidas para a Nação brasileira, já em 1822. Os paraguaios “sustentaram o combate até que cessou por falta de combatentes”, como se disse na ocasião. Mas não o fizeram porque eram patriotas, mas sim porque tinham medo das tiranias de Solano López. Mais uma vez, é Teffé quem nos informa:

não creias [...] que estes soldados paraguaios boçais conheçam o patriotismo; batem-se porque assim apraz ao supremo Mariscal [...]. A centelha divina que se chama o amor à pátria e que irradia veemente do coração brasileiro ao vê-la agredida, ludibriada, é cousa que não existe na massa do povo paraguaio, e a prova é o terror com que [os meus prisioneiros] ouviram dizer que seriam recambiados a López.<sup>(30)</sup>

Os brasileiros eram triunfantes, após uma experiência limite de encontros e desencontros com a morte, sempre à sua espreita. Devido às potências do sublime, Baudelaire escreveria, acerca dos militares em geral, que eles aprimoraram “o ar resignado da coragem posta à prova pelo esforço prolongado. [...] Esses homens es-

tão mais solidamente apoiados sobre as costas, mais firmemente instalados sobre os pés, com um aprumo maior que o dos outros homens”.<sup>(31)</sup>

Todavia, para além de uma vitória militar decisiva, Riachuelo representa, também, a conservação do sentido axiológico e a reafirmação da Nação e da Independência. Machado de Assis afirmou que essa era a guerra da civilização e que quem está contra ela só pode ser bárbaro.<sup>(32)</sup> Do exame da relação de batalha produzida por Teffé, emerge a defesa da categoria civilização, marca genuína da Marinha do Brasil. ■

## NOTAS

(1) Professor de História Naval da Escola Naval.

(2) Carta do 1º Tenente Antônio Luiz von Hoonholtz (futuro Barão de Teffé) a seu irmão Frederico José von Hoonholtz. Bordo da canhoneira *Araguari*, fundeada na Cancha del Chimbolár, 22 de junho de 1865. In: *Subsídios para a História Marítima do Brasil*, Vol. 21, Rio de Janeiro: SDGM, 1965, p. 33. Teffé se dirigiu aos paraguaios em castelhano; todavia, as citações aqui foram livremente traduzidas.

(3) *Ibidem*, p. 33-34 e p. 38.

(4) *Ibidem*, p. 54.

(5) Sobre os conceitos de *res gesta* e de *rerum gestarum*, conferir: CAMENIETZKI, Carlos Ziller & PASTORE, Gianriccardo Grassia. “1625, o Fogo e a Tinta: a batalha de Salvador nos relatos de guerra”, in *Topoi*, v. 6, n.11, jul.dez 2005, p. 261-288.

(6) GUIMARÃES, Manoel Salgado. “Nação e civilização nos Trópicos”: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”, in *Estudos Históricos*, n. 1, v. 1, 1988, p. 5-27.

(7) KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, p. 15-42.

(8) MÁXIMO, Mário. “Guerra e ética em Aristóteles”, in FLORI, José Luís. *Sobre a Guerra*. Petrópolis, Vozes, 2018, p. 103-118.

(9) D’ESCRAGNOLLE-TAUNAY A. (Vicomte de Taunay). *La retraite de Laguna*. Troisième édition. Paris: Librairie Plon, 1891, p. VII.

(10) TEFFÉ, op. cit., p. 13.

(11) *Ibidem*, p. 14.

(12) *Ibidem*, p. 16.

(13) *Idem*.

(14) *Ibidem*, p. 17.

(15) *Ibidem*, p. 15.

(16) *Ibidem*, p. 14.

(17) *Ibidem*, p. 38-39.

(18) *Idem*.

(19) *Ibidem*, p. 39.

(20) *Ibidem*, p. 32.

(21) *Ibidem*, p. 23-24.

(22) Apud DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016, p. 17.

(23) Apud BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*.

## Palavras do Alte Esq (Ref°) Luiz Fernando Palmer Fonseca, Presidente do Clube Naval

**E**m solenidade que se repete neste Clube desde 1885, quando se celebrou o 20º aniversário da vitória na Batalha Naval do Riachuelo, comemoramos, em mais esta Sessão Magna, o 157º aniversário daquele momento glorioso. Também por tradição, festeja-se nesta data o aniversário do Clube Naval, que hoje completa 138 anos e que, fundado em 12 de março de 1884, fez coincidir as duas efemérides, marcando de forma indelével a união com a instituição da qual se originou, a Marinha do Brasil.

Passado um ano desde que assumi o honroso cargo de Presidente deste Clube, julgo de interesse comentar sobre o andamento dos rumos traçados naquela ocasião.

O mau tempo representado pela pandemia da COVID trouxe, como esperado, consequências adversas para nossa singradura. A mais grave delas foi a irremediável perda de companheiros



Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 10.

(24) DIDI-HUBERMAN, op. cit., p. 20.

(25) KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*.

Petrópolis: Vozes, 2016, p. 142 e seguintes.

(26) *Diário do Conde d'Eu, comandante em chefe das tropas brasileiras em operação na República do Paraguai*. Organização, tradução e notas de Rodrigo Goyena Soares. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017, p. 242.

(27) TEFFÉ, op. cit., p. 25.

(28) ALBUQUERQUE, Fernanda Deminici de & LOUREIRO, Marcello José Gomes. "O Romantismo na Guerra do Paraguai: entre o belo e o sublime na obra do pintor Edoardo De Martino", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 2020, p. 195-233.

(29) Anotações do livro de bordo do Almirante Inácio da Fonseca, publicadas em COSTA, Didio. Riachuelo. Rio de Janeiro: SDM, 1959, apud PEREIRA, Walter Luiz C. de M. "E fez-se a memória naval: a coleção Edoardo De Martino no Museu Histórico Nacional", in *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 31, 1999, p. 149-159, mormente p. 155-157.

(30) TEFFÉ, op. cit. p. 54.

(31) BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 60 e 62.

(32) Apud NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 409.

que tanta falta nos fazem. Em termos materiais, nossas receitas sofreram impactos, ainda sendo bem assimilados, graças à situação financeira equilibrada que o Clube vem mantendo desde gestões passadas. Em termos sociais, tivemos as restrições aos acessos decorrentes da imposição legal do passaporte sanitário e suas desagradáveis consequências para parte do quadro social.

Nossas atividades culturais, interrompidas por quase dois anos, voltam aos poucos a serem realizadas, com ênfase para os salões de pintura, ciclos de palestras da presidência e dos grupos de interesse, assim como lançamento de livros e visitas, dentre outras. No âmbito social, o movimento de Sócios na sede volta a crescer, marcadamente pelas reuniões de turma e almoços, com a presença significativa de jovens oficiais, o que ressalta a característica vocação do Clube de ser a Praça D'Armas dos oficiais da reserva.

Os eventos nos Departamentos Esportivo e Náutico, após período de interrupção, também retomaram este ano um ritmo normal de rea-

lização, destacando-se, no Departamento Esportivo, a celebração dos seus 80 anos, diversas apresentações musicais, os torneios de tênis, futebol e natação, bem como os campeonatos estaduais das classes *optimist* e *dingue* e, no Departamento Náutico, o cumprimento do extenso calendário de regatas, a participação de seus velejadores em regatas no Brasil e na América do Sul e a realização da exposição náutica “Vela Show”.

O conceito estatuído de que o Clube Naval é um só e como tal deve ser administrado vem sendo rigorosamente observado. Neste sentido, a integração e modernização administrativa e financeira prossegue de forma sustentada, do que são exemplos as normatizações da elaboração de um orçamento unificado, e de programas integrados de treinamento dos funcionários, de prevenção de acidentes e de controle interno, assim como a adequação ao que preconiza a Lei Geral de Proteção de Dados por todos os órgãos do Clube.

A atração de novos sócios efetivos vem sendo buscada de forma sistemática, por meio de ações junto às Escolas de Formação, bem como pela oferta de serviços atrativos aos jovens oficiais, mais além daqueles proporcionados pelos Departamentos Esportivo e Náutico. A identificação do Clube como uma entidade de classe, na qual os valores e a cultura organizacional são os mesmos da profissão que abraçaram tem sido amplamente preconizada.

A harmonização das ações executadas pela Diretoria com as deliberações dos Conselhos Diretor e Fiscal tem sido plena e ensejam meu agradecimento, nesta ocasião, àqueles integrantes dos dois Órgãos da Estrutura Orgânica deste Clube, em especial aos seus Presidentes.

Não posso deixar de enfatizar que vivemos tempos difíceis, nos quais as ações de uma ideologia utópica e totalitária voltam a ameaçar o País, desta vez travestida de legalidade. Neste contexto, a interação entre os Clubes Militares tem sido realizada de forma bastante exitosa no âmbito da Comissão Interclubes, com a plena convicção de que nossa união contribui de modo relevante para a garantia da liberdade e da democracia que sempre almejamos. Neste ano decisivo para o futuro do Brasil é crucial que o patriotismo prevaleça como a opção do nosso povo.

Quero registrar que a presença das senhoras e dos senhores nesta data tão significativa nos dá enorme alegria, razão pela qual expresso meus sinceros agradecimentos. ■

## Palavras do Comandante da Marinha, Alte Esq Almir Garnier Santos

Neste momento, gostaria de externar minha alegria por estar novamente a bordo do nosso querido Clube Naval. Em noite repleta de gala, é com muito orgulho que profiro minhas breves palavras neste púlpito, já ocupado por eminentes Chefes Navais, para comemorar mais uma passagem do onze de junho, a Data Magna de nossa Marinha, e o 138º Aniversário do Clube Naval.

Este tradicional encontro nos remete ao espírito de solidariedade e de camaradagem, cultuados por todos nós, rotineiramente, nas Praças D’Armas a bordo dos nossos Navios e Organizações Militares. Neste local, diversas gerações de oficiais tiveram e têm a oportunidade de conviver e compartilhar experiências, ideias e expectativas, além de relembrar, com saudade, dos momentos agradáveis vivenciados em nossa apaixonante carreira naval.

Inicialmente, cumprimento o Capitão de Fragata (IM) Marcello José Gomes Loureiro, que nos brindou com sua brilhante alocação, permitindo aos presentes revisitar fatos históricos tão importantes para a Marinha e para o Brasil, ocorridos durante a Batalha Naval do Riachuelo. Nesta passagem, a Marinha escreveu a mais marcante e dura página de sua história!

Os Heróis de Riachuelo nos deixaram um legado de tradições e valores, além da certeza de que nossa Força, a despeito de qualquer dificuldade, estará sempre pronta para atender às expectativas e aos anseios do povo brasileiro.

Gostaria, então, nesta oportunidade, de lançar a reflexão sobre o legado dos valores morais destes heróis brasileiros, que se encontram, até os dias atuais, presentes em nosso povo!

Relembro os feitos do então Chefe de Divisão, Almirante Barroso, que, envolto de descortino e coragem, mesmo sob forte fogo da artilharia inimiga, lançou mão

da tática do abalroamento e conseguiu afundar três navios adversários, extinguindo a vontade de combater dos nossos oponentes.

O jovem Guarda-Marinha Greenhalgh, que por seu peculiar altruísmo, lutou até o seu último suspiro para garantir a defesa do Pavilhão Nacional, símbolo de uma pátria ainda em formação. Apesar de seu corpo ter desfalecido em combate, seu legado nunca perecerá, permanecendo vivo até os dias de hoje nos corações e mentes de nossos Marinheiros!

Em 2022, optei por enaltecer um dos primeiros heróis nacionais, relembrando os feitos memoráveis do Imperial Marinheiro Marcílio Dias, nosso herói negro, de origem humilde, que por sua atitude heroica, tornou-se exemplo de inarredável abnegação.

Praça mais distinta da tripulação da Corveta "Parnaíba", abandonou sua posição na estação de canhões de ré, apenas para lutar contra os inimigos que haviam abordado seu navio. Conseguiu ferir mortalmente dois deles, sucumbindo aos golpes dos demais, imortalizando-se, a partir de então, não somente pela sua bravura, mas pelo patriotismo que acompanha o nosso povo desde então!

Hoje, ao acompanhar a dedicação de nossos Marinheiros, Fuzileiros Navais e Servidores Civis, do mais alto passadiço de nossa Marinha, tenho a plena convicção de que continuaremos a bem servir o nosso país, assim como os heróis do passado, que, com o sacrifício das próprias vidas, cumpriram seus deveres há exatos 157 anos, mantendo nossas tradições e permanecendo firmes nos valores e nas atitudes que nos impelem a garantir a soberania e a liberdade do povo brasileiro, além de defender a verdadeira democracia para o nosso País!

Antes de encerrar minha breve alocução, gostaria ainda de parabenizar o Capitão de Mar e Guerra Alves de Almeida, pelos brilhantes trabalhos apresentados, que o fizeram merecedor dos prêmios "Concurso Almirante Jaceguay



2022 e Concurso Marques de Tamandaré 2022”.

Ao concluir essas palavras, faço uma alusão especial ao ex-Ministro e aos ex-Comandantes da Marinha aqui presentes, que com sabedoria, experiência e assessoramentos resolutos, conduziram nossa Força até aqui, sendo exemplos para mim. Assim também, ao Almirante de Esquadra Luiz Fernando Palmer Fonseca, Presidente do nosso Clube Naval, rogo a Deus que lhe dê saúde, juntamente com sua Diretoria, para que continuem firmes no cumprimento da nobre missão de conduzir o Timão desta importante Nau, mantendo a excelente ligação com o Comando da Marinha. Muito obrigado!

Viva a minha, a sua, a nossa Marinha! ■